

A CATEGORIA ESTRUTURAL DO CORPO-PRÓPRIO NO PENSAMENTO DE LIMA VAZ

João Elton de Jesus*

Resumo: Para o filósofo brasileiro Henrique Claudio de Lima Vaz, o Corpo-próprio é primeira categoria que apresenta a estrutura ontológica do homem. Desta forma este trabalho tem o objetivo de apresentar a Categoria de Corpo-Próprio levando em consideração os seus princípios tético e eidético. Para aprofundar o tema, sem sair da perspectiva do autor, realizou-se uma pesquisa bibliográfica a partir de pensadores citados nas notas da obra *Antropologia Filosófica I*. Para tanto, primeiramente apresentaremos o contexto em que Vaz produziu o seu pensamento, seguido por uma breve explicitação da sua metodologia e finalmente adentrar na categoria tema desse estudo.

Palavras-chave: Corpo-próprio, Antropologia Filosófica, Lima Vaz

THE STRUCTURAL CATEGORY OF THE OWN BODY IN LIMA VAZ THOUGHT

Abstract: For the Brazilian philosopher Claudio Henrique de Lima Vaz, the own-body is the first category that presents an ontological structure of man. Thus, this study aims to present a category of own-body considering its Principles thetic and eidetic. To examine the subject without exit of the author's perspective, we did a bibliographical research from the thinkers cited in the book *Antropologia Filosófica I*. For this work, first we present the context which Vaz produced his thinking, after a brief explanation of his methodology and finally show the category that is theme of this study.

Keywords: Own-body, Philosophical anthropology, Lima Vaz

INTRODUÇÃO

O religioso jesuíta Henrique Claudio de Lima Vaz (1921 – 2002) é considerado um dos grandes nomes da filosofia do Brasil no século XX. Possui vasta obra sobre

* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, Especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, Bacharel em Administração com ênfase em Marketing pelo Centro Universitário Anhanguera. Atualmente é Professor e responsável pelo Domínio de Humanidades da Unicap ICAM International School, parceria entre a Universidade Católica de Pernambuco - Unicap e o Institut Catholique d'Arts et Métiers – Icam, da França; atua no Instituto Humanitas Unicap como coordenador do Programa de Voluntariado Universitário Unicap e desenvolvimento de projetos de impacto e inovação social e na realização de cursos e minicursos de extensão sobre desenvolvimento humano, espiritualidade e projeto de vida. E-mail: joao.elt@gmail.com.

Antropologia Filosófica e Ética, além de artigos e comentários sobre diversas obras filosóficas. Em meio a um contexto de muitas transformações e inspirado pela tentativa de *aggiornamento* promovido pelo Concílio do Vaticano II, Pe. Vaz busca fazer uma Antropologia Filosófica que reflita sobre o homem inserido em um mundo cada vez mais complexo.

Para Lima Vaz, a concepção de homem no mundo ocidental é derivada das tradições greco-romana e bíblico-cristã. Nesse contexto, o homem é visto como portador de uma razão universal e dotado de uma liberdade de escolha o que implica um agir ético. Para ele (2000, p. 166) “A deliberação e a escolha devem, pois, levar necessariamente em conta as condições do agir ético. Vale dizer que elas se exercem na espessura concreta da situação do sujeito sempre complexa e muitas vezes ambígua.”

No pensamento de Lima Vaz, a visão de homem no mundo ocidental dá origem a duas formas do saber humano: a Metafísica e a Ética. “A Antropologia filosófica deve situar-se na interseção desses dois saberes, na medida em que ela irá coroar sua explicação do homem com as duas prerrogativas da “razão teorética” e da “razão prática”. (VAZ, 1991, p.157). Ao observar o seu contexto, Vaz constata que a abordagem cientificista do homem é redutora e limitada, pois foca somente aquilo que pode ser objetivado. Isso ocorre porque segundo Lima Vaz, no século XX, duas tendências ou correntes tentaram superar a crise que envolve o entendimento do homem dentro do mundo ocidental: “o naturalismo, que professa um reducionismo mais ou menos estrito do fenômeno humano à natureza material como fonte última de explicação (...) e o culturalismo, que acentua a originalidade da cultura em face da natureza, separando no homem o ‘ser natural’ e o ‘ser cultural’”. (VAZ, 1991, p. 10), nesse sentido, a pergunta o que é o homem ficou entre essas duas abordagens (a natureza e a cultura) de modo que a Antropologia filosófica propugnada por Lima Vaz aparece, então, com um espaço para ir além desses dois extremos.

Dessa maneira, tendo em vista a sua formação filosófico-teológica, Lima Vaz busca resgatar o aspecto transcendente do homem. O autor afirma que “no espírito finito e, portanto, no homem, a abertura e inclinação para o Verdadeiro e o Bem são transcendentais porque constitutivas de sua essência” (VAZ, 1991, p. 233). Desta forma, a Antropologia Filosófica de Vaz busca uma ponte entre o mundo das ciências e o mundo transcendente e assim chegar a uma compreensão que contemple a totalidade

do homem. Ele coloca, pois, três principais objetivos que sua antropologia pretende explicar, a saber: a) a elaboração de uma ideia do homem que leve em consideração a tradição filosófica, mas, também, as possibilidades abertas pelas ciências contemporâneas; b) uma justificação crítica do fenômeno humano no que tange às experiências múltiplas que o homem exprime a si mesmo em diálogo com as ciências do homem; c) uma sistematização filosófica que “constitua uma ontologia do ser humano capaz de responder ao problema clássico da essência: ‘O que é o homem?’”. ((VAZ, 1991, p. 11)

1. A Metodologia de Lima Vaz

Para melhor entender o homem, em um primeiro momento, Vaz leva em consideração a compreensão espontânea e natural que o homem tem de si mesmo a partir da tradição cultural ao qual está inserido. No entanto, Vaz destaca que dentro do discurso filosófico sobre o homem, pode haver um risco de reducionismo, se coloca-se em relevo, um privilégio para um desses polos, natureza, sujeito ou forma. Tendo em vista essa possibilidade de redução, Vaz aponta que “caberá ao procedimento sistemático fundamental da Antropologia filosófica coordenar esses três polos, sem que se desequilibre em favor de um deles a ordem sistemática do discurso. (VAZ, 1991, p. 158)

A Antropologia Filosófica interroga acerca do homem a partir de duas dimensões: a essência do ser humano (a dimensão eidética) o que determina e diferencia o homem de outros seres; e a existência do homem (dimensão tética) como um ser livre, indeterminado, aberto para um horizonte de possibilidades. A partir da dimensão tética, observa-se uma condição antropológica que parte da existência, que é um estar colocado fora. Segundo Heidegger o homem é um ser lançado, pró-jetado:

A compreensão possui a estrutura existencial que chamamos de projeto. A compreensão projeta o ser da pre-sença para a sua destinação de maneira tão originária como para a significância, entendida como mundanidade de seu mundo. O caráter projetivo da compreensão constitui o ser-no-mundo no tocante á abertura do seu pre, enquanto pre de um poder-ser. O projeto é a constituição ontológico-existencial do espaço de articulação do poder-ser de fato. E, na condição de lançada, a pre-sença se lança no modo de ser do projeto. O projetar-se nada tem a ver com um possível relacionamento frente a um plano previamente concebido, segundo o qual a pre-sença instalaria o seu ser. Ao contrário, como pre-sença, ela já sempre se projetou e só é na medida em que se projeta (HEIDEGGER, 2005, p. 200).

O homem se educa nesse mundo, por isso é um ser no mundo, que é uma ação individual, que se dá através da linguagem (linguagem). O homem é sujeito, dentro da história, com linguagem. Toda realização do discurso retoma à essencialidade da existência. A dimensão tética é uma indeterminação, é uma abertura transcendental.

Na dimensão eidética, no discurso filosófico, há a busca do *eidos*, do que é o fenômeno humano, a essência dentro da multiplicidade. Assim, a antropologia se desdobra na ética que é uma explicitação discursiva de como o homem vai se fazendo, vai realizando a sua essência. Para isso, há um fundamento, uma metafísica (o homem é existência, origem e linguagem, nós ultrapassamos a *physis*, assim a metafísica é o movimento do homem para fora da sensível). A Dimensão Eidética busca um fim, uma determinação, uma definição.

Há assim uma relação dialética entre as duas dimensões, pois se na dimensão tética, o homem, tem sua origem, na sua existência, no seu asujeitamento, que o leva a uma projeção dentro do mundo e da história, que, por sua vez, se realiza através da linguagem, da compressão do mundo e de si, no sentido de existir, abre-se espaço para um transcender, que o leva a dimensão eidética, que busca um discurso filosófico sobre o ser do homem, sobre o fim do ser humano e sobre o seu fundamento, sua razão de ser, que alimenta a sua própria antropologia que se relaciona com o seu próprio ser, sua própria existência

Nesse sentido, para apresentar a sua Antropologia, Lima Vaz estrutura uma metodologia que aponta para três níveis de compreensão. O primeiro nível é chamado de “Pré-compreensão”. Essa fase consiste em um exame da experiência antes da objetivação da ciência. É constituída por um universo simbólico composto por formas de conhecimento que não foram elaboradas cientificamente ou por algum tipo de conhecimento formalizado como a teologia, filosofia, sistemas óticos etc. Contudo, Lima Vaz ressalta que “a pré-compreensão se enraíza no solo do chamado “mundo da vida”, levando-se em conta a sua historicidade própria” (VAZ, 1991, p.158). Desta maneira, dentro da concepção vaziana, os conhecimentos não formais servem de apoio para as ciências e conhecimentos formais.

É importante ressaltar que para elaborar o nível da pré-compreensão, Vaz se inspira em Husserl que cunha o conceito de “mundo da vida” como o “mundo

permanentemente dado como efetivo na nossa vida concreta” (HUSSERL, 2012, p. 40). Essa categoria foi cunhada no pensamento Husserliano pois “está diretamente relacionada com a crítica empreendida por Husserl não apenas ao método científico e sua epistemologia oculta, mas também à atividade concreta do fazer científico e suas diversas implicações, tanto filosóficas como existenciais e éticas”. (MISSAGGIA, 2008, p.192)

Em seguida, o método vaziano apresenta um outro nível que ele chama de “Compreensão Explicativa” (objetivação científica) que para ele é “o plano no qual se situam as ciências do homem, que pretendem compreendê-lo por meio da explicação científica, obedecendo a cânones metodológicos próprios de cada ciência” (VAZ, 1991, p.159). Isso é importante pois, ainda que crítico à fragmentação do homem e dos saberes nas diversas ciências, Lima Vaz tem consciência da importância do conhecimento científico para a humanidade.

A estrutura metodológica vaziana culmina com a chamada “Compreensão Filosófica” em que ele aborda as problemáticas por meio de uma análise histórica e crítica. Vaz também usa o termo transcendental para definir esse nível de compreensão, quer afirmar essa etapa como uma condição de possibilidade das outras formas de compreensão do homem apresentadas pelos níveis anteriores:

A compreensão filosófica tematiza, em suma, a experiência original que o homem faz de si mesmo como ser capaz de dar razão (lógon didónai) do seu próprio ser, ou seja, capaz de formular uma resposta à pergunta: “O que é o homem?”. A expressão intelectual dessa compreensão é vazada em conceitos propriamente filosóficos ou categorias. (VAZ, 1991, p.159)

É na “Compreensão filosófica” que Vaz apresenta os detalhes daquilo que ele chama de categorias. Uma categoria é o “conceito que exprime o objeto como ser, isto é, no domínio de sua inteligibilidade última” (VAZ, 1991, p.162). Para Vaz, a tarefa da Antropologia Filosófica é identificar as categorias, definir seu conteúdo e articulá-las de modo a que se constitua com elas um discurso sistemático.

No entendimento de Vaz, a categoria deve “exprimir em seu nível mais fundamental o saber do sujeito sobre si mesmo”. Contudo esse saber não deve estar vinculado à concretude empírica da pré-compreensão, ou vinculado à uma concepção abstrata própria da compreensão explicativa. A categoria deve estar baseada “segundo aquela que podemos denominar concretude conceptual ou ontológica, própria da

compreensão filosófica”. (VAZ, 1991, p.162. Desta forma, o filósofo brasileiro apresenta as categorias segundo os seguintes conceitos: a) de estrutura ou níveis ontológicos constitutivos do ser do homem; b) de relação, que exprimem as orientações ad extra do homem e; c) de unidade, que unificam as estruturas e relações.

Em suma, O pensamento de Vaz tem como ponto inicial a pergunta “O que é o homem?”. Essa pode então ser respondida por meio de categorias, pois apresentam a concretude ontológica do sujeito sobre si mesmo.

2. A Categoria de Corpo-Próprio

A categoria de Corpo Próprio é primeira daquelas que apresentam a estrutura ontológica do homem. Padre Vaz apresenta o corpo como uma dimensão constitutiva e expressiva do ser humano. O primeiro lugar onde o homem se apresenta no mundo.

Para ele, a categoria do corpo próprio não se restringe às concepções físico-biológicas mas “no sentido de corpo humano, ou seja, como estrutura fundamental do ser do homem”. (VAZ, 1991, p.181)

Para embasar o seu pensamento sobre o corpo, Vaz retoma grandes filósofos que trataram sobre a temática. Além dos pensadores clássicos, destacam-se os contemporâneos como Gabriel Marcel²⁰³ (1889-1973) que aponta homem como um ser encarnado. Para ele o “corpo deve-se entender não tanto a matéria extensa e visível, mas a intimidade-concreção do eu, isto é, a encarnação ou individualização do existir. O ser se revela “com - ser”, o “eu existo” se torna “a existência existe”. (AZEVEDO, 2010, p. 113)

O corpo não é uma somatória de objetos, mas um lugar de experiências em profunda relação dialógica. Essa relação é chamada por Marcel de “participação”. Dessa maneira, que o homem se percebe como um viandante é aquele que, como um peregrino, participa ontologicamente do ser mediante o seu próprio corpo.

²⁰³ Gabriel-Honoré Marcel (1889-1973) , filósofo e dramaturgo francês de renome internacional, nasceu em 7 de dezembro de 1889 e faleceu em 8 de outubro de 1973, em Paris. Foi o autor de muitas obras filosóficas e um conferencista requisitado por muitos auditórios em todo o mundo. A datação dos trabalhos de Gabriel Marcel indica que desenvolveu por si mesmo os aspectos intuitivos da fenomenologia depois apresentados por Edmund Husserl e seu desenvolvimento de temas existenciais ocorreu antes que pudesse ler Kierkegaard e bem antes do florescimento da filosofia existencial na Europa, ocorrido em meados do século XX. Por isso tem sido considerado o primeiro fenomenologista e o primeiro filósofo existencial da França, em que pese a popularidade de que gozou Sartre. Fonte: <http://www.cobra.pages.nom.br/fcp-marcel.html>

Para Lima Vaz, a corporalidade é o ponto de partida da Antropologia Filosófica pois “a autocompreensão do homem encontra seu núcleo germinal na compreensão de sua condição corporal”. (VAZ, 1991, p.175). Na dimensão da “Pré-Compreensão”, Vaz constata que o corpo tem em si uma totalidade intencional, ultrapassando as dimensões físico-biológicas. O corpo é *leib*, uma auto-expressão do sujeito, um Eu corporal. Sobre a intencionalidade do corpo, Merleau-Ponty afirma:

O corpo por ele mesmo, o corpo em repouso, é apenas uma massa obscura, nós o percebemos como um ser preciso e identificável quando ele se move em direção a uma coisa, enquanto ele se projeta intencionalmente para o exterior, e isso aliás sempre pelo canto do olho e na margem da consciência, cujo centro é ocupado pelas coisas e pelo mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 432).

Através de um corpo vivido, o homem produz a sua vida, assume a sua presença no mundo, é um ser-aí. “Pelo ‘corpo próprio’ o homem se exterioriza, ou constitui sua expressão ou figura exterior, e o Eu corporal é como que absorvido nessa exteriorização” (VAZ, 1991, p. 188). Vaz sugere em suas notas, a leitura da obra *Le Corps*, escrita por François Chirpaz. Este autor afirma que “o corpo é o saber imediato de si próprio”. Para esse pensador Francês, sem o corpo não é possível reconhecer-se com pessoa autônoma. Assim, o corpo vai além de uma coisa ou objeto pois é o próprio ser. Chirpaz afirma que reconhecemos a totalidade do próprio ser “no movimento intencional do meu corpo. Não podemos reconhecer uma existência humana sem reconhecê-la em um corpo nem um corpo a que não esteja ligada a um ser humano. (CHIRPAZ in FONSECA, 2008, p. 123)

Para Lima Vaz, o corpo próprio proporciona ao homem uma postura ativa na realidade e na história. Desta maneira, o ser humano não ocupa somente um espaço no mundo, não é somente um estar-aí, uma presença recebida passivamente pela natureza. O corpo próprio supraassume a objetividade do corpo físico-biológico. Ele reestrutura o homem em diversos níveis.

No nível físico-biológico o corpo próprio reestrutura a sua imagem para além dos aspectos físicos. Ele constitui no homem sua postura e ritmo. Ambos aspectos são fortemente influenciados pela sexualidade, mostrando-se assim como um ser sexuado. Nesse aspecto, podemos fundamentar as afirmações de Lima Vaz por meio de um outro autor citado pelo filósofo brasileiro em suas notas, o francês Merleau-Ponty que faz a seguinte afirmação:

Enquanto habito um "mundo físico", em que "estímulos" constantes e situações típicas se reencontram — e não apenas o mundo histórico em que as situações nunca são comparáveis —, minha vida comporta ritmos que não têm sua *razão* naquilo que escolhi ser, mas sua *condição* no meio banal que me circunda. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.125)

Na dimensão psíquica, o corpo próprio reestrutura o aspecto da afetividade significando emoções e sentimentos. Há uma construção afetiva, resultado de uma supressão do corpo-próprio “Os sentimentos e as condutas passionais são inventados, assim como as palavras. Mesmo aqueles sentimentos que, como a paternidade, parecem inscritos no corpo humano são, na realidade, instituições. ” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.257)

No aspecto social, ele atinge a comunicação e a expressividade, que associada a sexualidade, influência nas dimensões simbólicas e comportamentais. Para Breton, autor, indicado por Vaz, afirma que “As ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade” (BRETON, 2007, p.7)

No nível cultural, por meio de ritos, etiquetas e moda, o corpo próprio influencia na forma como o homem lida, manipula, modela e compreende o seu corpo dentro do contexto que está inserido. Para Breton as marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade. “Elas integram simbolicamente o homem no interior da comunidade, do clã, separando-o dos homens de outras comunidades ou de outros clãs e ao mesmo tempo da natureza que o cerca”. (ibidem)

Na compreensão explicativa da corporeidade, Vaz faz uma crítica na forma unicamente objetiva que as ciências da vida tratam o corpo. Para ele, as ciências não levam em consideração as dimensões subjetivas do corpo, pois possuem um conhecimento exclusivamente objetivo, segundo conceitos e leis de um saber empírico-formal. Para Vaz, as ciências visam o corpo segundo três ordens de grandeza: tempo longo, em que o corpo é interpretado dentro das leis de evolução, da sua filogênese; tempo curto, quando observa-se somente as leis genéticas individuais a partir de sua ontogênese e; grandeza estrutural, ao qual corpo é visto a partir de suas funções, como um organismo.

Seguindo a sua metodologia, Lima Vaz apresenta, pois, a irreducibilidade do corpo a um objeto por meio de compreensão filosófica ou transcendental do corpo. Para isso, ele faz uma reflexão histórica e, posteriormente, entra no nível da aporética crítica

da corporeidade. Na aporética histórica, busca-se recuperação temática do problema em questão, acompanhando as grandes linhas de sua evolução ao longo da história da filosofia. Na aporética crítica “a pergunta é referida ao contexto problemático do saber do homem sobre si mesmo tal como se faz presente na atualidade histórica da pré-compreensão e da compreensão explicativa. (VAZ, 1991, p.162)”

Dentro da categoria de corpo-próprio, na aporética histórica, Vaz afirma que a oposição corpo-alma está presente em vários aspectos. Na versão religiosa, onde o corpo é visto como um túmulo, cárcere da alma. Na história da filosofia, Vaz destaca a concepção Aristotélica que e tinha o corpo como instrumento da alma. O filósofo brasileiro também destaca na filosofia moderna o dualismo cartesiano, em que alma e corpo são “res” separadas. Henrique Vaz, também, resgata a oposição alma-corpo na versão bíblico-cristã, que para ele implicou em uma “desontologização da oposição alma-corpo e sua transposição numa perspectiva moral e soteriológica”. Já na versão científica moderna, essa dualidade é explicada somente segundo esquemas reducionistas.

Na aporética crítica, Padre Vaz salienta que há uma oposição entre as duas direções do estar-no-mundo pelo corpo: de um lado o sujeito interrogante, com sua intencionalidade e interioridade; e de outro, o corpo-objeto submetido às leis da natureza, objetivizado. O corpo próprio impede dois extremos: a espiritualização do sujeito interrogante e a coisificação do corpo objeto. O corpo-próprio é, assim, um “pólo imediato da presença do homem no mundo ou do homem como ser-no-mundo, aberto de um lado à objetividade da natureza e, de outro, suprassumido na identidade do Eu” (VAZ, 1991, p.181)

A Antropologia Filosófica interroga acerca do homem a partir de duas dimensões: a essência do ser humano (a dimensão eidética) o que determina e diferencia o homem de outros seres; e a existência do homem (dimensão tética) como um ser livre, indeterminado, aberto para um horizonte de possibilidades.

O estar-no-mundo pelo corpo ou a situação corporal do homem é fonte de aporia do ponto de vista eidético pelas características que apresenta tanto na descrição fenomenológica como nas ciências que se ocupam do corpo. Do ponto de vista tético, o estar-no-mundo pelo corpo é posto em questão enquanto é assumido como forma no movimento de mediação constitutivo do ser-homem. (Vaz, 1991, p.171)

Na dimensão eidética, no discurso filosófico, há a busca do *eidós*, do que é o fenômeno humano, a essência dentro da multiplicidade. Busca uma explicitação discursiva de como o homem vai se fazendo, vai realizando a sua essência. A Dimensão Eidética busca um fim, uma determinação, uma definição.

Para Vaz o corpo constitui um *eidós*, uma essência, uma estrutura integrante da totalidade essencial do homem. O corpo é lugar originário de significações, da expressão do Eu, do sujeito. “Em virtude do princípio da limitação eidética é lícito afirmar que a expressão categorial do ser do homem inclui necessariamente o corpo como constitutivo de sua essência” (VAZ, 1991, p. 182). Se o corpo é aquilo que constitui o Eu do homem. Podemos concluir que para o homem ser homem é fundamental que ele seja um corpo.

Na dimensão tética, observa-se uma condição antropológica que parte da existência, que é um estar colocado fora. Segundo Heidegger o homem é um ser lançado, pró-jetado. Para o filósofo alemão, “O projetar-se nada tem a ver com um possível relacionamento frente a um plano previamente concebido, segundo o qual a pre-sença instalaria o seu ser. Ao contrário, como pre-sença, ela já sempre se projetou e só é na medida em que se projeta (HEIDEGGER, 2005, pg. 200 -201)

O homem se educa nesse mundo, por isso é um ser no mundo. O homem é sujeito, dentro da história, com linguagem. Toda realização do discurso retoma à essencialidade da existência. A dimensão tética é uma indeterminação, é uma abertura transcendental. Ora, se o corpo define-se como pólo imediato da presença no homem no mundo. O homem é corporeidade e assim situa-se no mundo, contata com a realidade. O homem que é corpo, é sinal na sua interação com os outros.

Na relação intersubjetiva, o corpo é sinal endereçado ao outro, e o significado desse sinal deve ser interpretado pelo outro; na relação objetiva é suporte das significações do estar-no-mundo do sujeito, que são por ele interpretadas. Por outro lado, por meio do corpo estendem-se as raízes biológicas de nosso comportamento como seres cognoscente. (Vaz, 1991, p. 183)

A dimensão tética do corpo evidencia a ilimitação do ser humano. Para ele “o homem não é o (seu) corpo: em virtude do princípio da ilimitação tética, ao suprassumir o corpo-objeto no corpo-próprio o sujeito afirma o seu ser como transcendendo os limites da corporalidade, ou seja, os limites da presença imediata do homem no mundo”. (VAZ, 1991, p. 182)

Para ele o corpo faz parte do ser do homem. Há uma correspondência conceptual entre ser-homem e ser-corpo. “Atribuímos ao corpo o estatuto de estrutura fundamental do ser do homem e à corporeidade o estatuto de categoria constitutiva do discurso da Antropologia Filosófica” (Vaz, 1991, p.181)

Apesar do corpo fazer parte da essência do ser humano, o homem não se reduz a seu corpo. Segundo Vaz, o homem é abertura para "algo mais". É um eterno insatisfeito que vai além das fronteiras da sua presença imediata no mundo.

O corpo-objeto é negado dialeticamente no movimento de constituição do corpo próprio ou do corpo-sujeito. Ele é, em outras palavras, suprassumido como ser-aí no espaço-tempo do mundo e elevado ao nível da Forma (F), ou das expressões pelas quais o sujeito se manifesta corporalmente. Essa suprassunção é uma dialética da identidade na diferença entre o sujeito e o seu corpo. (VAZ, 1991, pg. 182)

Ao concluir sua exposição, Lima Vaz afirma que a categoria de corpo é insuficiente para englobar a totalidade do ser humano. Para ele o corpo-próprio apresenta ilimitações o que não responde a sua pergunta original sobre o que é o homem. Ele postula, então, que é necessário, suprassumir o corpo em outras categorias. Vaz acredita que é necessário, portanto, avançar para outras categorias para melhor responder a sua grande problemática sobre o que é o homem.

Considerações finais

A intenção de toda construção filosófica-antropológica de Vaz é responder à questão “O que é o homem” de forma diferente daquela afirmada pelas ciências. Como religioso católico, ele acredita que o homem é muito mais que uma simples *res extensa*, ou ainda, que um composto físico-biológico que ocupa um espaço-tempo na realidade. Vaz traz como pressuposto que o homem é um ser transcendente. Contudo, tal afirmação não o permite dizer que este é o único aspecto constitutivo do ser humano. Por isso ele parte para a reflexão e exposição de outras categorias que acredita fazerem parte do homem.

A categoria de corpo-próprio se apresenta como a primeira de todas, dentro do arcabouço antropológico vaziano. Para ele, o corpo é o meio pelo qual o ser humano se faz presente no mundo. Entretanto, coerente com sua busca alternativa às explicações científicas, Lima Vaz conduz a relevo o aspecto do Corpo-Próprio, forma genuinamente humana de ser no mundo. Um ser que é afetivo, cultural, social e psíquico. Na própria

corporeidade do homem, o corpo-próprio suprassume o corpo biológico e dá vida humana a este.

Dessa maneira, não se pode negar que o corpo é uma dimensão constitutiva do homem e diferentemente de algumas abordagens religiosas e filosóficas, o corpo não é um apêndice ou um complemento do ser humano. Trata-se, pois, de uma dimensão expressiva do ser humano no mundo, assim, é um corpo que se insere na história, nas relações, no mundo e na vida ativa do homem de maneira que sem essa dimensão corporal é impossível ao ser humano compreender a si mesmo.

Embora Vaz tenha a pretensão de uma suprassunção do homem à transcendência, ele não nega os postulados conquistados pelas mais diversas áreas das ciências. Em sua análise do corpo, também leva em consideração a evolução e aspectos genéticos do homem. Vaz ressalta a história da filosofia. Nesta ele se depara com as mais diversas aporias, principalmente no que tange à problemática do corpo e a alma. Assim, o filósofo jesuíta enfatiza a necessidade de uma Antropologia que apresente novos horizontes às aporias do corpo.

Diante de sua análise do homem a partir do corpo-próprio, Vaz conclui que de fato o homem é o seu corpo. A corporeidade é constitutiva da essência humana. Contudo ele ressalta que em uma definição ou uma determinação sobre a corporalidade do ser humano, ainda não responde à pergunta sobre o que é o homem. Para Vaz, há no homem um aspecto ilimitado, uma abertura para algo que vai além do seu corpo-próprio, ainda que este não se trate de uma redução ao aspecto físico-biológico.

Desta forma, Vaz afirma que embora o corpo seja constitutivo da essência do homem, o ser humano não é o seu corpo, ele vai para além da sua categoria de corporalidade. Por isso o filósofo brasileiro, parte então para outras categorias, pois acredita que essas podem ajudar a melhor complementar a concepção do que é o homem e chegar ao objetivo de sua empresa.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, J. A. **O mistério da encarnação em Gabriel Marcel**. Revista Argumentos, Ano 2, N°. 4 – 2010. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/argumentos/article/download/235/235>. Acesso em 02/06/2019.

BRETON, D.L. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**, *Parte I*, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2005.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

FONSECA, V. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=yGzVgNCuPkYC&lpg=PA123&ots=Cjo3bxybw7&dq=Chirpaz%20%20corpo%20vivido&hl=pt-BR&pg=PA2#v=onepage&q=Chirpaz%20%20corpo%20vivido&f=false> Acesso em 07/06/2015.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MISSAGGIA, Juliana. **A noção husserliana de mundo da vida (Lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência**. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 41, n. 1, p. 191-208, Mar. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732018000100191&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08.set.2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-31732018000100009>

SANTOS, V. **Corpo e intersubjetividade em Ser e o Nada**. *Revista Theoria*, Volume 03, Número 08, 2011. Disponível em http://www.theoria.com.br/edicao0811/corpo_e_intersubjetividade_em_o_ser_e_o_nada.pdf. Acesso em 02/06/2019

VAZ, H. L. **Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2**. Edição Loyola: São Paulo, 2000.

LIMA VAZ, H. C. de. **Antropologia Filosófica I**, Coleção Filosofia – 15, São Paulo: Edições Loyola, 1991.

LIMA VAZ, H. C. de. **Antropologia Filosófica 2**. Edição Loyola: São Paulo, 1991.